

Simbioses

Vitorino de Sousa

Nota introdutória à forma poética “simbiose”¹

A primeira “simbiose” surgiu em 1979. A sua base de concepção assenta no acróstico — forma poética onde a letra inicial da primeira palavra de cada verso, normalmente maiúscula, compõe uma palavra-chave que se lê na vertical:

Sobre a lisura branca do papel,
Impressa por mão estranha, vão ficando
Mutações transgressoras da Palavra.
Bocados soltos de Memória Ancestral,
Incompletos, onde escassamente se baseia
O trabalho possível de todo o criador:
Sonhar, dia e noite, a criação
E reconhecer que afinal não é sua!

A forma poética “Simbiose” parte de uma frase — que pode ser considerada como o título do poema —, frase essa que depois é “quebrada” (respeitando ou não a divisão silábica), de forma a que só algumas letras/sílabas sejam aproveitadas para iniciar uma nova palavra. Daí a designação “simbiose”, já que as letras/sílabas retiradas do título, se fundem noutra diferente (o verso), adquirindo um novo sentido.

As letras/sílabas não utilizadas arrumam-se à esquerda do poema e, após um espaço em branco surge o início de cada verso. Como exemplo, tomemos a própria palavra “simbiose”:

Simbiose

S importa que o leitor
bio seja colaborador!

Neste caso, temos que, na palavra Simbiose, a letra **S** e a sílaba **bio** são as partes não aproveitadas, ao passo que **im** e **se** foram escolhidas para formar as novas palavras **importa** e **seja**, respetivamente. A chave de leitura, portanto, consiste em ler somente o bloco de versos à direita...

Importa que o leitor
Seja colaborador!

... desprezando as letras/sílabas que se alinham à esquerda, as quais poderão ter, ou não, algum sentido: neste caso, a letra **S** não assume grande importância, a menos que sugira a palavra “Sono”! No entanto, na sílaba **bio** já é possível encontrar um significado: poderá ser “saudável” para o leitor participar neste tipo de decifração, assumindo uma postura “sustentada” e colaborante!

Embora a estrutura básica desta forma poética se tenha mantido ao longo dos anos. Algumas variações foram testadas a fim de explorar a sua maleabilidade. Recorrendo a uma pequena “Simbiose”, apresento alguns exemplos práticos dessas variações. Todavia, e para que sirva de “testemunha”, começo por apresenta-la na forma-padrão geralmente utilizada:

Qual o tempo da alegria?

o Qualquer maré cheia que dê a medida dos in-
mpo teriores; qualquer cavalgada interior, rumo ao poiso
? **da alegria** (anuncia uma iniciação... atrasada se principia.

¹ Esta informação, escrita em 1991, também serve de introdução ao livro “Os 12 Estados do Ser”, disponível no botão ‘Poesia’ de www.baudasletras.com

Vejamos agora duas variantes estéticas, sem que o conteúdo seja alterado:

1. As letras/sílabas não utilizadas podem aparecer entre parênteses, reforçando graficamente a indicação de que não devem ser integradas na leitura:

Qual o tempo da alegria?

(o) Qualquer maré cheia que dê a medida dos in-
(mpo) teriores; qualquer cavalgada interior, rumo ao poiso
(?) da alegria (anuncia uma iniciação... atrasada se principia.

2. O título pode reaparecer no fim do poema

Qual o tempo da alegria?

o Qualquer maré cheia que dê a medida dos in-
mpo teriores; qualquer cavalgada interior, rumo ao poiso
? da alegria (anuncia uma iniciação... atrasada se principia.

Qual o tempo da alegria?

Nos poemas que a seguir se apresentam, a preferência recaiu sobre esta última variante.

Evidentemente, o leitor já apreendeu o mecanismo de leitura que é necessário empregar. Logo, não é preciso muito mais.

Boa leitura.

SIMBIOSES

Este formato poético, criado por mim, em 1979, foi distinguido, nesse mesmo ano, com o Prémio Revelação de Poesia, atribuído pela Secretaria de Estado da Cultura, com a colaboração da Associação Portuguesa de Escritores.

O livro 'Simbioses' com os 15 poemas premiados (e que vais ler a seguir) foi editado, em 1980, pela editora Arcádia que, entretanto, faliu.

Como não foi reeditado, está fora do mercado.

Prefácio de Alberto Pimenta²

AO LEITOR:

Apresentação de *vitorino de sousa* de convivência com *joão alexandre barbosa*³.

Tenho a certeza que branda mente te aleitaste (te a lei t haste ou te a lei tou a lei da palavra: foste desde cedo lavrado pela pa lavra (como toda a gente, claro, mas aposto que na tua boca a multiplicaste (a multi plic haste e com ela forraste (forr haste a tua capa cidade de tudo conhecer — também e sobretudo puetas (punh etas. mas nunca reparaste (repar haste no *Início: não apenas o começo da poesia moderna mas a poesia como começo. É claro que a pergunta seguinte é vertiginosa: começo de quê? Responder desde já, no entanto, seria colocar no início o fim das reflexões possíveis.* portanto branda mente te a lei haste e assim conhecestes cada vez mais altas inclinações, noções, silogismos, certezas, esperanças, conselhos, rimas, provérbios e entendeste tudo e até os puetas (os punhetas, que passaste (passaste a considerar a cúpula para te ferir a cópula; só não reparaste que *el poeta no es el que nombra las cosas, sino el que disuelve sus nombres, el que descubre que las cosas no tienen nombre y que los nombres con que las llamamos no son suyos* (octávio paz). assim dentro da tua cerca ao teu convés nada na pia abismal das palavras sem idade, a tua vontade é instaurar, constar, segundo as tuas altas inclinações e a tua ideia de capacidade, procura nos puetas (punhetas a de clamação do teu sonho intrauterino, gestos d'água, dedos pousados, brandos costumes debruçados, sussurros antes, e não queres crer (querer) que *Entre a linguagem da poesia e o leitor o poeta se instaura como o operador de enigmas, fazendo reverter a linguagem do poema a seu eminente domínio: aquele onde o dizer produz a flexibilidade. repara, se quiseres, é este que aí tens. Neste sentido, começar o poema equivale a repensar a sua viabilidade através da armação de novos enigmas cuja solução o leitor há de procurar não somente na personalidade do poeta mas naquilo — indício de um trajecto de leituras — aponta para a saturação dos usos da linguagem. ainda é este que aí tens. Por isso, o poeta moderno é aquele que sabe o que há de instável na condição de encantamento de seu texto, sempre dependente de sua condição de enigma. Consciência e história são vinculadas pelo mesmo processo de intertextualidade: o novo enigma é a resolução transitória de numerosos enigmas anteriores. Para o poeta moderno, a consciência histórica, sendo basicamente social e de classe, é também de cultura.* pronto, é ainda este que aí tens. já sabias que o novo não é o velho, e portanto não é conhecido, e portanto não é para ler branda mente, mas para recriar. experimenta.

alberto pimenta

² Um dos elementos do júri que, juntamente com Ana Hatherly e Gastão Cruz, distinguiram este trabalho.

³ João Alexandre Costa Barbosa (Recife, Pernambuco, 1937 - São Paulo, São Paulo, 2006). Professor, ensaísta e crítico literário.

Aqui ficam as “Simbioses”

“... por isso, consumindo poeta e leitor num espaço de alusões e reciprocidades, o poeta moderno é uma crítica da metáfora...

... não mais uma poesia *de* leitura: uma leitura incrustada *na* poesia, exigindo ao leitor um duplo movimento de decifração e recifração...”

Todas as citações que neste livro se fizeram (nesta cor) de João Alexandre Barbosa são do 1º capítulo do seu ensaio em progresso “As Ilusões da Modernidade”, publicado no nº 3 da revista ATRAVÉS, S. Paulo, 1979 (Livraria Duas Cidades).

1.

pássaros negros no podre se espelham baços

aros ne	passam mas ficam em voo circular primeiro
no po	grossos e feios por cima da mancha húmida;
se	drenam depois lugubrememente os canais do céu.
lham	Espetam os bicos aduncos no ar quando investem
	babando os óleos estranhos e infectos do atrito.

pássaros negros no podre se espelham baços

2.

num lago doirado um imperador no verde

	Númidas à espera que se faça tarde. Em baixo, de
	lábios ao léu, vestais de branco espalhadas decoram
go	doidamente o imperador na relva, os louros e a cratera.
rado	Uma visão tenaz de tintas como um passeio de erva.
	Imperceptível mas até brutal na gravação que foi
rador	no fundo está daquilo que se fará para ficar.
	Verdejante e antiga elite de imagens em desataque.

num lago doirado um imperador no verde

3.

o teu olhar marejado do líquido que não bebo

olhar	O teu olhar agressivo que nos separa!
ejado do	Mar grande e vil que nos separa!
quido que	Li nele. A angústia que convergiu
	Não é essa serenidade de pestanas.
	Bebo , contigo bebo, a impotência e a raiva.

o teu olhar marejado do líquido que não bebo

4.

de ti vem a luz que me solta as crinas ⁴

de	Tiveste já as tuas veias picadas: -
vem	a capa que embrulha e nos transe,
luz que	metendo-nos ao longe, se crê.
	Solta antes as rédeas do pensamento e às
as	crinas solta-as no ar do vento!

de ti vem a luz que me solta as crinas

⁴ Este poema, ilustrado em vídeo, está arquivado no conjunto 'Poemas de Amores' do botão 'Motes do Autor' de www.simbioses.org.

5.

áptero siando no limbo da memória perturbada

tero	Apareço num fauno entre os caules
ando no	sinalizando as mordidas do orvalho.
bo da	Limpo o suor ao espantelho oco para
mória	mergulhar , amanhã, no pego sem tona.
turbada	Perto , contudo, o mesmo horizonte e a espera.

áptero siando no limbo da memória perturbada

6.

no branco das cores te fundiste à nascença

no	Boca desenhada com o sabor das linhas certas,
rango	das penas velhas, aparadas, que eu ainda tenho. Eis o
co	resto que sobra p'ra dentro e me é tão magnífico,
te	fundo e odioso! Dedo a dedo o procuro, no meu barro
diste à	narcisista , a pureza desse fim de forma de mulher.
scença	

no branco das cores te fundiste à nascença

7.

do sopé ao cume na mão como se das águias fosse

do Sopeado⁵ em pequeno também pelo meu tamanho, e
ao curtir a dor sem querer! Foi depois remanescer
me natural de todos os sítios, e aos valores
mão comocionados perder o apego; olhar como se das
se das águias viesse em linha! Destreza, força e feles
se fosforejantes pelo peito aflito e a mão crispada.

do sopé ao cume na mão como se das águias fosse

8.

no escorregar no gelo se forja o que será útil

rregar no No esconso raro e estranho de esconder, um
lo se gebo, mas altivo, e de razão à bolina,
ja força o nascimento e os quês da máscara.
será O que faz é puzzle decidido, mas quase à deriva,
utilmente, contudo, apertado num tremor de ideias.

no escorregar do gelo se forja o que será útil

⁵ Neologismo com base em 'sopé', base, parte de baixo. Ou seja, rebaixado, menosprezado.

9.

como os cães do Nilo te corro o corpo⁶

os	Como -te depois o suor frio em várias voltas na
es	catarse das nossas forças. E és tu que esperas que,
ni	dormente , a sombra dos meus olhos poise no teu peito
te	longamente . Arrepios são os suspiros que não damos.
o	Corrosiva , a ternura sedimenta-se, o olhar desvia-se.
	Corpo a corpo, com as ideias, o fundamento dá-se.

como os cães do Nilo te corro o corpo

10.

a enleação do espírito nas formas da angústia

a	Enlatado entre a sobreposição pesada dos dias,
leação	do furo escorre e dele se perde o fio que presta.
espí	Rito estranho este, da continuação teimosa num
nas	formato podre com matanças nos escombros.
mas da	Ângulos vis para um poeta só, à porta dos olhos.

a enleação do espírito nas formas da angústia

⁶ Este poema, ilustrado em vídeo, está arquivado no conjunto 'Poemas de Amores' do botão 'Motes do Autor' de www.simbioses.org.

11.

a força da corrida no estertor da queda

a Forjamos o retoque em o tolo no meio da ponte: -
ça **daguerreótipo** histórico doutros séculos.
no **Corrida** prima é, como se empresa rica fosse.
er **Estio** de acções chãs. As razões segadas do alto
da **torreão** tapam-nos o dia até de noite.
da **Que** se devolvam as asas para que não haja queda!

a força da corrida no estertor da queda

12.

o cantão ratado pela vileza porca

ntão **O** carcação molengo, imóvel e minado
ado **rata** mal o dolo já e a acção feita.
vile **Pelado**, não sente a veia oca e adorna! De
ca **zarpar** é tempo. Mas de defeso é ainda mais,
porque foi sangria apoiada e cortou rente.

o cantão ratado pela vileza porca

13.

a cabeça caída no lado áspero do sono

ança	A cábula do bacharel em sonhos foi arquivada.
da no	Caiu de cheio o seu teor velho, manuseado.
do ásp	Largo foi o perfil detido através dela, de um
do	erotismo próprio de uma ideia boa, cavalgada.
	Só assim o diploma foi lavrado. Mas no chão está pairando!

a cabeça caída no lado áspero do sono

14.

da sombra sai a matéria das ruas e cais de Lisboa

da	Sótão de arquivo de fados de sofrer em ais é
mbra sai	a sombra quinada e densa desta terra minha: -
maté	ria carregada de tantos tempos, tantas águas,
das	ruas que em frescas aguarelas mais amamos,
e	cais que de idas bem cheios mais choramos.
de	Lisboa de amores e templos a cair na lenda.

da sombra sai a matéria das ruas e cais de Lisboa

15.

a insolência do pingo no meio da seca

a in **Sol** que estiolas tudo e tudo gretas!
ência do pin **Gorou-se** o tempo de apetecer o nu.
 No céu mal seguro apareceu a nuvem
 meio por meio matizada de vento e chuva.
 Da inesperada nublação, que a canícula disfarça,
 se verá cair o que acabará com a seca.

a insolência do pingo no meio da seca